



Museus florestais em áreas protegidas: ciência, cultura, história e conservação

Maria Aparecida de Moraes Gomes Pereira ⁽¹⁾, Tânia Alice Bragança ⁽¹⁾, Ana Paula Marques ⁽¹⁾, Maria José Alves de Oliveira ⁽¹⁾, Leni Meire Pereira Ribeiro Lima ⁽²⁾, Delvonei Alves de Andrade ⁽³⁾ e Elaine Aparecida Rodrigues ⁽²⁾

⁽¹⁾ Instituto de Pesquisas Energéticas e Nucleares (IPEN-CNEN/USP), São Paulo, SP, ⁽²⁾ Instituto de Pesquisas Ambientais (IPA), São Paulo, SP e ⁽³⁾ Comissão Nacional de Energia Nuclear (CNEN), São Paulo, SP. E-mail para contato: mariamoraespereira@usp.br

Os museus florestais surgiram nos séculos XIX e XX, vinculados à valorização do patrimônio histórico relacionado ao manejo e à exploração madeireira. Inicialmente concebidos como repositórios técnicos e históricos, tiveram sua função ampliada, incorporando dimensões educativas, culturais e ambientais. Estabelecidos em áreas protegidas ou em seu entorno, podem desempenhar um papel estratégico na sensibilização da sociedade, no fortalecimento de políticas públicas e na promoção da conservação. O objetivo deste estudo foi mapear e caracterizar os museus florestais localizados em áreas protegidas. Para tanto, foi realizada revisão da literatura em três bases de dados (*Web of Science*, *ScienceDirect* e *Scopus*), utilizando os descritores "forest museum"; "lumber museum*"; "logging museum*", "wood*museum*", "forestry museum*", "timber museum*", "lumbering museum*" associados ao termo "protected areas". A busca, realizada 2024, resultou em 84 artigos, dos quais 37 foram selecionados. Os resultados evidenciam um panorama heterogêneo, com contribuições documentadas em parques urbanos, reservas florestais, jardins botânicos, reservas da biosfera e geoparques. Três eixos principais foram identificados: (i) preservação cultural, evidenciado pelas coleções de madeira no Museu de Kew (Reino Unido); (ii) educação ambiental, destacada pelo modelo "Home-Temple-School" da Tailândia; e (iii) políticas públicas, como a Estratégia Florestal da Finlândia. Entre as lacunas, observou-se a escassa documentação sobre visitantes, pouca integração de bibliotecas e baixa representatividade da América do Sul. Embora 76% dos trabalhos apontem carências de infraestrutura e financiamento, 43% registraram iniciativas inovadoras, como o uso de tecnologias digitais e aplicação de radiação gama para conservação de acervos. Conclui-se que os museus florestais configuram espaços de convergência entre ciência, cultura e sociedade, mas ainda necessitam de maior visibilidade e apoio institucional. Seu papel estratégico na conservação pode ser fortalecido por meio parcerias institucionais, ampliação de registros quantitativos de impacto social e investimentos em inovação, consolidando-os como centros de excelência em educação e conservação socioambiental.

Palavras-Chave: conservação integrada, educação ambiental, patrimônio cultural, base de dados, revisão de literatura